

Mobilidade humana e circularidade de ideia

Diálogos entre a América Latina e a Europa

editado por Luis Fernando Beneduzi e Maria Cristina Dadalto

Os contatos entre os dialetos italianos e o português no Espírito Santo

Edenize Ponso Peres

(Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil)

Abstract This paper presents part of the history of the contacts between the Italian dialects and Portuguese in Espírito Santo - State of southeastern Brazil - which has received thousands of immigrants from the North of Italy in the late nineteenth century. As immigrants set up in isolated areas, in the woods, the Italian dialects were preserved for many decades. Currently, these dialects are no longer being spoken, but the language contact that remained left a mark on the Portuguese's descendants, especially on the phonetic-phonological level. With respect to the social history of these contacts, the research caused in the state register the end of transmission of the dialects to the following generations: the sad reminders that the land and also the ancestral language evoked; the use of dialect for adult conversation only, keeping children away from older issues; the prohibition to speak foreign languages in the country, the New State period, Getúlio Vargas, 1937-1945; and prejudice and discrimination, which generated shame immigrants and their descendants. Therefore, it appears the importance of social factors for the preservation or the disappearance of minority languages in immigrant communities, from the case of the Italians in the State of Espírito Santo.

Sumário 1 Apresentação. – 2 Breve histórico dos contatos linguísticos no Espírito Santo. – 3 Os imigrantes no Espírito Santo. – 4 O contato entre os dialetos italianos e o português no Espírito Santo. – 5 As consequências linguísticas e sociais do contato entre os dialetos italianos e o português. – 6 Considerações finais.

Keywords Language contact. Italian dialects in Espírito Santo. Language maintenance. Language shift.

1 Apresentação

O estado do Espírito Santo, localizado na região Sudeste do Brasil, recebeu, a partir do século XIX, milhares de imigrantes italianos, que vieram colonizar as suas desabitadas serras. Aqui enfrentaram as florestas virgens, os animais selvagens, a escassez de instrumentos de trabalho e de comida, as diferenças geográficas e culturais e a saudade dos que ficaram na Itália. Mas, vencidos os grandes desafios que se impuseram aos primeiros imigrantes, atualmente seus descendentes desempenham um importante papel dentro da sociedade espírito-santense.

Diaspore 7

DOI 10.14277/6969-122-5/DSP-7-1

ISBN [ebook] 978-88-6969-122-5 | ISBN [print] 978-88-6969-123-2 | © 2017

As marcas da Itália se fazem presentes em diversas localidades do estado, quer nas feições da população, quer na cultura – na comida, nas cantigas, nas danças, nas festas para homenagear os pioneiros imigrantes. Com relação aos dialetos falados pelos italianos, eles sobrevivem entre os idosos, principalmente no campo. Por sua vez, os traços dialetais ainda se fazem presentes na linguagem dos descendentes mais jovens, a depender da intensidade do contato com o português.

Dessa forma, o presente trabalho tem por objetivo apresentar a história dos contatos entre os dialetos italianos e o português no Espírito Santo, tanto no nível linguístico – os traços dialetais presentes na língua portuguesa falada por descendentes de imigrantes – quanto no nível social – as causas do fim da transmissão da língua ancestral às gerações seguintes. Para isso, são apresentados os resultados de pesquisas recentes realizadas no estado, de cunho Variacionista (Labov 1972) e do Contato Linguístico (Weinreich [1953] 1970; Appel, Muysken 1996; Baker, Jones 1998; Coulmas 2005; etc.). Entretanto, para melhor compreendermos a situação sociolinguística do estado, é preciso remontar aos primórdios da colonização da então capitania do Espírito Santo, para compreendermos a sua situação, quando da chegada dos primeiros imigrantes, e também como se deram os contatos linguísticos desde o seu início. Esse é o nosso primeiro tópico. Em seguida, apresentaremos o contexto histórico da imigração italiana, para então abordarmos as consequências linguísticas e sociais do contato entre os dialetos italianos e o português.

2 Breve histórico dos contatos linguísticos no Espírito Santo

A colonização do Espírito Santo foi marcada pelo encontro de indígenas, portugueses, negros escravos, brasileiros de outras localidades e imigrantes estrangeiros. A seguir, então, exporemos resumidamente esse processo.

A colonização do estado teve início no dia 23 de maio de 1535, quando os portugueses, sob o comando de Vasco Fernandes Coutinho, aportaram no que é hoje o município de Vila Velha; entretanto, somente em 1558 eles realmente ocuparam o território (Daemon 2010). Sobre os povos indígenas que habitavam a capitania – sobretudo o litoral – é certo que aqui viviam tupiniquins, goitacazes, tupinambás e temiminós, que falavam o tupi, sendo esta a língua de comunicação entre eles e os jesuítas, na catequese. Por outro lado, Moreira e Perrone (2007) incluem ainda nessa listagem os aimorés, localizados sobretudo na região norte do estado, e afirmam que aqui se falavam línguas de dois principais troncos: tupi e macro jê.

Também é certo que havia indígenas no interior da capitania, dados os registros históricos que comprovam as frequentes incursões de jesuítas ao interior, em busca de nativos para serem trazidos para o litoral e catequizados (Saletto 2011). Contudo, a dizimação da população indígena

e sua aculturação, a partir do século XVI, ocasionaram que, hoje em dia, além dos empréstimos lexicais ao português, praticamente nada de suas línguas restou. A exceção fica para o guarani, ainda falado por esse povo, o qual chegou ao Espírito Santo na década de 1970, depois de uma caminhada de décadas por Paraguai, Argentina e estados do Sul do Brasil (Calazans 2014).

Os negros escravos, por sua vez, chegaram a partir de 1621, no governo de Francisco Aguiar Coutinho (Medeiros 1997). Eles eram encaminhados às grandes fazendas, muitas de propriedade de jesuítas ou de pessoas ligadas a religiosos, que se localizavam no litoral ou pouco adentradas no interior, próximas a rios navegáveis, para facilitar a escoação da produção (Conde 2009). Fato importante para a análise dos contatos linguísticos no Espírito Santo é que, de acordo com Conde (2009) e Moreira e Perrone (2007), a capitania não estava ligada ao tráfico negreiro internacional, isto é, os escravos que habitavam as fazendas, na segunda metade do século XIX, época da chegada dos imigrantes, estavam lá há várias gerações. Tratava-se de casais com muitos filhos e estes também tinham prole extensa, todos convivendo juntos, sendo que praticamente todos tinham parentesco com algum indivíduo da fazenda.

As características da escravidão, destacadas no parágrafo anterior, levam-nos a pensar que o contato entre o português e as línguas africanas, no Espírito Santo, se deu no século XVII e não foi mantido, com a vinda de novos escravos. Assim, vemos que as línguas africanas não entraram em contato direto com os dialetos falados pelos imigrantes italianos.

Outro fator importante para a nossa análise foi a condição imposta ao estado de servir como defesa natural contra invasores estrangeiros e ladrões do ouro da região de Ouro Preto, em Minas Gerais. Por isso, durante mais de um século, proibiu-se a construção de estradas para oeste (Oliveira 2008). Igualmente, a descoberta dessas jazidas, no início do século XVIII, provocou uma corrida do ouro entre os que aqui viviam. Assim, o Espírito Santo, que já era pouco povoado, viu seu contingente populacional ainda mais reduzido. Como consequência desses fatos, temos que, no início do século XIX, 90% das terras capixabas eram cobertas pela Mata Atlântica (Moreira, Perrone 2007).

Segundo Moreira e Perrone (2007), o Espírito Santo permaneceu nessa situação até o ano de 1813, quando o então presidente da capitania, Francisco Rubim, com o intuito de estimular a ocupação da terra, trouxe dois grupos de açorianos para abrir uma estrada que ligaria Vitória a Ouro Preto. Nesse mesmo ano, chegaram 34 espanhóis, que se estabeleceram no litoral norte do Espírito Santo. Entretanto, a imigração estrangeira realmente se iniciou em 1847, com a vinda de 163 prussianos para a Colônia de Santa Isabel. Na década de 1850, foi estabelecida a Colônia de Santa Leopoldina, sendo-lhe destinados primeiramente 140 suíços, mas, em 1865, a Colônia já contava com imigrantes de diversas etnias. E, em

1856, foi fundada a Colônia de Rio Novo, para onde se dirigiu uma grande parte dos imigrantes italianos que chegaram à província¹ do Espírito Santo (Oliveira 2008).

No quadro a seguir, adaptado de Franceschetto (2014), observamos os cinco maiores contingentes de imigrantes chegados ao estado.

Quadro 1. Imigrantes chegados ao Espírito Santo e as respectivas entradas nos séculos XIX e XX

Países	séc. XIX	séc. XX	Total
Itália	35.033	1.633	36.666
Alemanha	4.013	853	4.866
Espanha	2.942	527	3.469
Portugal	2.080	1.347	3.427
Polônia	699	898	1.597

Fonte: Franceschetto 2014 (adaptado)

Dentre os italianos, segundo dados do Arquivo Público do Estado do Espírito Santo (2007),² 40% dos imigrantes eram oriundos do Vêneto, 20% da Lombardia, 14% do Trentino Alto Adige, 10% da Emilia Romagna, 5% do Piemonte, 4% de Friuli-Venezia Giulia e 7% de outras regiões. Dos imigrantes vênnetos, 31% eram de Treviso, 28% de Verona, 13% de Vicenza, 10% de Padova, 8% de Venezia, 7% de Belluno e 3% de Rovigo. E, dentre os imigrantes lombardos, 24% eram oriundos de Mantova, 20% de Cremona, 20% de Bergamo, 12% de Brescia, 12% de Pavia, 5% de Milano e 7% de outras localidades.

Antes, porém, de prosseguirmos, é importante esclarecer que ainda não se sabe para quais localidades do Espírito Santo esses imigrantes foram levados, o que implica dizer que ainda se desconhece, em boa parte, como se travaram os contatos entre os dialetos italianos no Espírito Santo. Nos vários livros de memórias dos imigrantes de que dispomos, além das entrevistas realizadas em diversas comunidades, não se encontram informações e depoimentos acerca de barreiras linguísticas entre os imigrantes, de modo que os impedissem de se comunicar uns com os outros. Portanto, podemos pensar que os grupos de imigrantes que chegavam das diferentes regiões da Itália mantinham-se unidos, em lotes de terra próximos uns dos outros.

1 No Brasil, as capitanias foram transformadas em províncias no ano de 1821, e estas foram transformadas em estados com a Proclamação da República, em 1889.

2 O Arquivo Público do Estado do Espírito Santo constantemente atualiza seus dados referentes à imigração no estado. As últimas informações referentes às localidades de origem dos imigrantes italianos datam de 2007.

3 Os imigrantes no Espírito Santo

Conforme o quadro 1, acima, os milhares de imigrantes que chegaram ao Espírito Santo vinham sobretudo da Europa. Essa situação foi comum aos imigrantes destinados às demais localidades brasileiras, mas o Espírito Santo reunia característica que o diferenciavam de outras províncias: sua população era extremamente escassa e se concentrava em poucos pontos do litoral, sendo que o interior era totalmente coberto por florestas. Por isso, os imigrantes, para chegar a seus lotes, tiveram que vencer muitas dificuldades.

As vias de acesso ao interior eram as fluviais, distribuídas de forma mais ou menos regular ao longo da costa. Elas permitiam a navegação em canoas por um percurso que variava de acordo com o rio, geralmente em torno de 40 km. Daí por diante, os imigrantes caminhavam por alagadiços e picadas nas densas matas virgens, subindo e descendo serras, guiados por tropeiros. Muitos dormiam em troncos de árvores, forrados com algumas folhas, e passaram fome e frio, não apenas homens, mas também mulheres e crianças (Derenzi 1974). Por fim, depois de instalados, verificaram que suas terras não eram tão férteis como lhes havia sido prometido na Europa e também não receberam a assistência que deveriam receber do Governo brasileiro.

As particularidades da colonização do Espírito Santo, somadas às características geográficas do estado e às dificuldades de locomoção pelo seu interior, propiciaram o isolamento da maioria das comunidades de imigrantes, ao passo que algumas outras, localizadas às margens de estradas, entraram em contato com os brasileiros já no início do século XX.

As situações descritas nos parágrafos acima originaram uma diversidade linguística no estado das mais interessantes. Atualmente, após 200 anos da chegada dos primeiros imigrantes, várias comunidades pomeranas ainda conservam a língua de herança, mesmo entre as crianças (Bremenkamp 2014); algumas cidades colonizadas por italianos mantêm as tradições ancestrais, em festas e grupos de dança e de canto; nas zonas rurais, os descendentes de italianos mais idosos ainda falam a língua dos antepassados, aprendida na infância (Cominotti 2015, Loriato 2015); na zona urbana, apenas alguns traços das línguas ancestrais perduram (Avelar 2015, Loriato 2015); e, finalmente, temos muitas comunidades/etnias sobre as quais nada sabemos.

A fim de descrever as consequências sociolinguísticas da imigração estrangeira no Espírito Santo – especialmente a italiana – foram realizadas diversas pesquisas abordando os contatos linguísticos que aqui ocorreram. Esse é o tema da próxima seção.

4 O contato entre os dialetos italianos e o português no Espírito Santo

Tendo em vista a história da colonização do Espírito Santo, podemos inferir que o português aqui falado entrou em contato com as línguas indígenas e com as africanas nos séculos XVI e XVII e, a partir daí, não teve contato direto com elas. Também pela forma como se deu a ocupação deste território, os imigrantes de diferentes etnias que aqui chegaram estiveram relativamente afastados do convívio com os brasileiros, falantes de português, durante décadas, a depender da localização geográfica da comunidade.

Dessa forma, até o final da década de 1960, em boa parte das regiões do estado colonizadas por italianos, ainda se falava majoritariamente o dialeto ancestral (Derenzi 1974). Por isso, esses dialetos imprimiram suas marcas na linguagem dos ítalo-descendentes, diferenciando-a da linguagem atual das localidades que não receberam um número maciço de imigrantes.

Para tentar descrever a diversidade linguística do Espírito Santo, em 2010 elaboramos um Projeto de Pesquisa que tinha por objetivos: a) formar bancos de dados de fala nas comunidades colonizadas por imigrantes, sobretudo italianos; b) identificar traços das línguas de imigração no português falado pelos atuais moradores dessas localidades; c) descrever a importância de variáveis não linguísticas, como o sexo, a faixa etária e o grau de escolaridade dos indivíduos, bem como os seus sentimentos a respeito de suas origens, para a manutenção ou a substituição das línguas de imigração pelo português.

Nestes anos, dezessete localidades foram estudadas, entre zonas rurais e urbanas, principalmente as colonizadas por imigrantes italianos. As pesquisas têm por referencial teórico a Sociolinguística, na vertente da Teoria da Variação e Mudança ou do Contato Linguístico, e versam basicamente sobre dois objetos: a) as influências fonético-fonológicas das línguas de imigração sobre o português falado nessas comunidades; b) as causas do fim da transmissão intergeracional dos dialetos pelos italianos. Este último objeto se faz relevante, haja vista que a língua pomerana e o hunsrück ainda hoje são falados por descendentes desses imigrantes de todas as idades em diversas comunidades do estado. Os dados dos estudos variacionistas foram tratados estatisticamente por meio do programa Goldvarb X (Sankoff, Tagliamonte, Smith 2005). Os resultados obtidos por essas pesquisas aparecem descritos a seguir.

5 As consequências linguísticas e sociais do contato entre os dialetos italianos e o português

As pesquisas sobre contato linguístico levadas a cabo nas diferentes comunidades colonizadas por imigrantes italianos, no Espírito Santo, evidenciam várias diferenças fonético-fonológicas entre o português resultante do contato e aquele que não sofreu influência dos dialetos – por exemplo, o português falado na capital do estado, Vitória. Entretanto, cabe ressaltar que o português resultante do contato se diferencia entre as comunidades. Assim, aquelas localizadas nas zonas rurais dos municípios apresentam mais traços dialetais, em todas as gerações; ao contrário, nas zonas urbanas, esses traços se fazem mais presentes no português falado pelos mais idosos, diminuindo ou mesmo inexistindo entre os mais jovens. O quadro a seguir sintetiza as principais diferenças entre o português de contato e o português falado em Vitória.

Quadro 2. Características de duas variedades do português falado no Espírito Santo

Português Falado em Vitória	Português de Contato
Há vogais orais e nasais	Há apenas vogais orais
Há ditongo nasal [ãw]	Não há ditongo nasal [ãw]
Há alçamento de vogais médias átonas finais	Não há alçamento de vogais médias átonas finais
Fonemas /t, d/ diante de /i/: [tʃi], [dʒi]	Fonemas /t, d/ diante de /i/: [ti], [di]
Consoante lateral em coda silábica: [w]	Consoante lateral em coda silábica: [l]
Realização do fonema /r/: [h, ʁ]	Realização do fonema /r/: [r, r, ɹ]

Os resultados obtidos pelas pesquisas variacionistas aparecem a seguir:

- a. A influência dos dialetos italianos na pronúncia do ditongo nasal foi estudada em uma comunidade colonizada por imigrantes vênets da zona rural de Alfredo Chaves (Picoli 2015). A pronúncia marcada, ou seja, com influência do dialeto, se faz mais presente nas palavras funcionais *não, tão, então* e nas palavras de mais de uma sílaba. Os resultados indicam ainda que as pessoas acima de 50 anos, do sexo masculino e com até 05 anos de estudo são aquelas que mais pronunciam o ditongo nasal com influência dialetal.
- b. A realização dos fonemas /t, d/ diante da vogal /i/ foi estudada na zona urbana de Santa Teresa (Avelar 2015), o primeiro município a receber imigrantes italianos, no Espírito Santo. O programa Goldvarb X selecionou como significativas apenas as variáveis não linguísticas: a pronúncia de /t, d/ diante de /i/ com influência do dialeto é favorecida pelos informantes com mais de 50 anos, do sexo masculino e com baixa escolarização.

Os resultados acima evidenciam que os homens, os indivíduos menos escolarizados e os informantes acima de 50 anos favorecem a manutenção dos traços dialetais no português. Esta última variável também evidencia que está havendo mudança em progresso, ou seja, que a influência dos dialetos está se perdendo. Assim, depreende-se a importância dos fatores sociais para a preservação ou o desaparecimento dos traços das línguas ancestrais no português falado atualmente nas comunidades colonizadas pelos imigrantes italianos no Espírito Santo, mesmo as mais afastadas dos centros urbanos e, por conseguinte, que recebem menos intensamente as pressões uniformizadoras da linguagem. Dessa forma, fez-se relevante investigar as causas sociais da substituição dos dialetos italianos pelo português, nessas comunidades.

Os estudos de Contato Linguístico apontam diferentes fatores necessários à manutenção ou à substituição das línguas de imigração. Aqui iremos nos reportar aos fatores externos, ou seja, aqueles que não dependem diretamente das atitudes ou dos sentimentos dos falantes para atuar.³ Resumidamente, entre eles, temos:

- *O isolamento geográfico da comunidade.* As comunidades rurais costumam manter por mais tempo os traços da cultura e da língua ancestral do que as zonas urbanas.
- *O número de falantes.* Os pequenos grupos tendem a substituir sua língua materna mais frequentemente do que aqueles com uma grande quantidade de membros.
- *A religião.* Quando a língua minoritária é também a língua da religião, isso deverá servir de ímpeto para sua manutenção.
- *Os casamentos interétnicos.* Em se tratando de casamentos em que estão envolvidas duas línguas distintas, uma delas provavelmente será preterida em favor daquela que goza de maior prestígio dentro da comunidade.
- *O contato com a comunidade de origem.* Se os membros de um grupo minoritário têm a oportunidade de visitar seu país de origem e/ou de ter contato com seus conterrâneos, de forma que usem sua língua frequentemente, esta terá mais chances de ser mantida.
- *O apoio institucional.* O apoio institucional a uma língua minoritária - que é a sua utilização, por exemplo, pelos veículos de comunicação de massa, pela administração pública, pela Igreja e pela escola - podem garantir a sua sobrevivência.
- *As semelhanças entre a língua e a cultura do grupo e do país receptor.* Se a língua e a cultura do grupo e do país de destino forem diferen-

3 Ao falarmos em *fatores externos*, não estamos retirando a força das atitudes ou dos sentimentos dos falantes para a atuação de alguns dos fatores que listamos. Estamos, sim, assumindo que os fatores considerados *externos* se dão de forma mais independente das avaliações dos grupos sociais.

tes, maiores serão as chances de a cultura - e, por conseguinte, a língua - minoritária ser mantida.

A título de ilustração, comparamos três línguas minoritárias do Espírito Santo e os fatores externos que favorecem a manutenção ou a substituição linguística: o guarani (Calazans 2014), o pomerano (Bremenkamp 2014) e os dialetos italianos (Peres 2014, Cominotti 2015, Loriato 2015).

Quadro 3. Fatores externos de manutenção/substituição de línguas minoritárias do Espírito Santo

Fatores Objetivos	Guarani	Pomerano	Dialetos Italianos
Isolamento Geográfico Da Comunidade	Não	Sim	Sim
Número De Falantes	Pequeno	Pequeno	Grande
A Língua Da Religião	Sim	Não	Sim ¹
Casamentos Interétnicos	Não	Sim ²	Sim
Contato Com A Comunidade De Origem	Sim	Não	Sim ³
Apoio Governamental	Não	Não	Não
Semelhanças Entre A Cultura Minoritária E A Majoritária	Não	Não	Não
Manutenção Da Língua	Sim	Sim	Não

1 Os imigrantes italianos, durante muitos anos, realizavam celebrações e rezavam o terço em dialeto.

2 Seguindo as tradições pomeranas, os casamentos interétnicos não são frequentes; quando acontecem, eles se dão preferentemente com descendentes de imigrantes germânicos e luteranos.

3 O fluxo de imigrantes italianos, originários principalmente de três províncias do norte da Itália, continuou até o início do século XX.

Pelo quadro acima, vemos que os dialetos italianos teriam muitas chances de se manter - e, por conseguinte, de as comunidades se tornarem bilíngues - mas não foi isso o que aconteceu. Dois trabalhos recentes buscaram determinar as causas do término da transmissão desses dialetos às gerações seguintes: Cominotti (2015), que estudou a comunidade rural de São Bento de Urânia, no município de Alfredo Chaves; e Loriato (2015), que realizou estudo semelhante nas zonas rurais e na zona urbana de Santa Teresa.

Os resultados de Cominotti (2015) evidenciam que a comunidade estudada mantém a cultura italiana, quando se trata de comida, música e alguns jogos e brincadeiras. Contudo, com respeito ao dialeto, ele é falado por uma minoria dos moradores, quase sempre idosos. Por outro lado, os entrevistados demonstram ter sentimentos positivos em relação a seus antepassados, e os jovens manifestam o desejo de haver aprendido a língua dos ancestrais. O estudo de Cominotti (2015) revela, assim, que o momento atual requer atenção e cuidado para com o dialeto, se não quisermos que ele desapareça totalmente, na comunidade.

Os resultados de Loriato (2015) se assemelham aos obtidos por Cominotti (2015), ou seja, os dialetos⁴ foram sendo perdidos ao longo das gerações: na atualidade, o seu uso acontece majoritariamente com os informantes mais idosos, quando se encontram com outros falantes. E, assim como em outras localidades do estado, os descendentes de imigrantes italianos de Santa Teresa valorizam suas origens, sua cultura e a língua dos antepassados, e revelam o desejo de que ela seja recuperada e mantida pelos mais jovens.

Nas pesquisas realizadas nas comunidades espírito-santenses, foi perguntado aos entrevistados por que a língua minoritária não foi transmitida às gerações mais novas. As razões para isso, segundo eles, foram:

- a. a terra ancestral evocava lembranças tristes, fazendo com que os imigrantes e seus descendentes diretos abandonassem o dialeto assim que tiveram contato com o português;
- b. o dialeto era usado apenas em conversas entre os pais, quando estes não queriam que os filhos compreendessem o que estava sendo falado;
- c. as línguas estrangeiras foram proibidas no país, no período ditatorial de Getúlio Vargas (1937 a 1945) e, por conseguinte, seu uso foi duramente reprimido;
- d. o preconceito dos brasileiros contra os falantes de uma língua estrangeira gerava vergonha nestes. Particularmente por isso, alguns informantes relataram que as mães incentivavam o uso do português em casa, na tentativa de evitar que seus filhos passassem por constrangimento e discriminação.

Essas causas demonstram que, em situação de contato linguístico, os fatores externos, objetivos, têm muito menos força do que os sociais, para a manutenção de uma língua minoritária.

6 Considerações finais

A história do Espírito Santo mostra que os dialetos italianos foram falados por muitos anos, principalmente nas localidades mais afastadas dos centros urbanos, mas a escola e a entrada mais intensa dos meios de comunicação de massa às comunidades, além da migração interna dos descendentes de imigrantes, fizeram com que o contato dos dialetos com o português fosse crescendo gradativamente. Com isso, os dialetos italianos deixaram de ser transmitidos às gerações seguintes.

Por outro lado, a quase totalidade de nossos entrevistados demonstra um sentimento muito positivo com relação às suas origens italianas,

⁴ Santa Teresa se caracteriza por ser um município colonizado por imigrantes de diversas regiões do norte da Itália, ao contrário de outras localidades, que receberam imigrantes de apenas uma região italiana.

valorizando sua cultura e os dialetos falados pelos ancestrais. Com respeito a estes últimos, os informantes jovens lamentam a ruptura de sua transmissão, reconhecem sua importância e dizem querer aprendê-los. Dessa forma, vislumbramos uma chance de tentar recuperá-los, evitando o seu desaparecimento entre esses descendentes de imigrantes. Embora a valorização das línguas minoritárias no país tenha se dado tardiamente, a partir de 2010, cremos que poderemos nos valer dos Decretos recentes para garantirmos o respeito e a valorização da diversidade linguística no Espírito Santo.

Para alcançarmos os nossos objetivos, é necessário tentar erradicar o preconceito e valorizar essas línguas e seus falantes. Além disso, é preciso investir em mais pesquisas sobre outras comunidades colonizadas por imigrantes – italianos e de outras etnias – no Espírito Santo. Ainda sabemos muito pouco a respeito delas. Há, entre as serras do estado, muitas comunidades de que sequer temos conhecimento. Dessa forma, é preciso um trabalho bastante árduo para resgatar essas histórias e descrever a linguagem resultante do contato entre a língua estrangeira e o português, neste estado. Estamos fazendo uma pequena parte, mas há ainda um imenso trabalho a ser feito.

Bibliografia

- Appel, R.; Muysken, P. (1996). *Bilingüismo y contacto de lenguas*. Trad. de Anxo M. Lorenzo Suárez y Clara I. Bouzada Fernández. Barcelona: Ariel.
- Arquivo Público do Estado do Espírito Santo. URL <http://www.ape.es.gov.br> (2016-10-11).
- Avelar, D.S. (2015). *A realização variável das consoantes oclusivas dentais por descendentes de imigrantes italianos de Santa Teresa* [Dissertação de Mestrado]. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo.
- Baker, C.; Jones, S.P. (1998). *Encyclopedia of Bilingualism and Bilingual Education*. Clevedon: Multilingual Matters.
- Bremenkamp, E.S. (2014). *Análise sociolinguística da manutenção da língua pomerana em Santa Maria Jetibá, Espírito Santo* [Dissertação de Mestrado]. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo.
- Calazans, P.C. (2014). *Para uma sócio-história da língua guarani no espírito santo: uma análise sob a perspectiva sociolinguística* [Dissertação de Mestrado]. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo.
- Cominotti, K.S.S. (2015). *O contato linguístico entre o vêneto e o português em São Bento de Urânia, Alfredo Chaves, ES: uma análise sócio-histórica* [Dissertação de Mestrado]. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo.

- Conde, B.S. (2009). «Senhores de fé e de escravos: a escravidão nas fazendas jesuíticas do Espírito Santo» [online]. *Anais do 4º Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional*. Curitiba: UFPR, 1-10. URL: <http://www.escravidaoe-liberdade.com.br/site/images/Textos4/brunosantosconde.pdf> (2016-10-11).
- Coulmas, F. (2005). *Sociolinguistics: the Study of Speakers' Choices*. Cambridge: Cambridge Press.
- Daemon, B.C. (2010). *Província do Espírito Santo; sua descoberta, história cronológica, sinopse e estatística*. 2a ed. Vitória: Arquivo Público do Espírito Santo. URL: <http://www.ape.es.gov.br> (2016-10-11).
- Derenzi, L.S. (1974). *Os italianos no Espírito Santo*. Rio de Janeiro: Artenova.
- Franceschetto, C. (2014). *Imigrantes: base de dados da imigração estrangeira no Espírito Santo nos séculos XIX e XX*. Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo.
- Labov, W. (1972). *Sociolinguistic patterns*. Pennsylvania: University of Pennsylvania Press.
- Loriato, S. (2015). *Mi parlo taliàn: uma análise sociolinguística do bilinguismo português-dialeto italiano no município de Santa Teresa, Espírito Santo* [Dissertação de Mestrado]. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo.
- Medeiros, R. (1997). *Espírito Santo: encontro de raças*. Vitória: Editora Reptoarte.
- Moreira, T.H.; Perrone, A. (2007). *História e geografia do Espírito Santo*, vol. 8. Vitória: [s.n.].
- Oliveira, J.T. (2008). *História do Estado do Espírito Santo*, vol. 3. Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo. URL <http://www.ape.es.gov.br> (2016-10-11).
- Peres, E.P. (2014). «Aspectos sócio-históricos do contato entre o dialeto vêneto e o português no Espírito Santo». *Revista (Con)textos linguísticos (UFES)*, 10, 53-71.
- Picoli, S.A. (2015). *O ditongo nasal tônico -ão falado por ítalo-descendentes de Santa Maria do Engano/ES: uma análise sociolinguística* [Dissertação de Mestrado]. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo.
- Saletto, N. (2011). *Donatários, colonos, índios e jesuítas; o início da colonização do Espírito Santo*. Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo. URL: <http://www.ape.es.gov.br> (2016-10-11).
- Sankoff, D.; Tagliamonte, S.; Smith, E. (2005). *GoldVarb X - a Multivariate Analysis Application*. Toronto; Ottawa: Department of Linguistics; Department of Mathematics.
- Weinreich, U. [1953] (1970). *Language in Contact; Findings and Problems*. Paris: The Hague Mouton.